

O AMOR PODE SER VIRTUAL? O RELACIONAMENTO AMOROSO PELA INTERNET¹

Alessandra dos Santos Menezes Dela Coleta*
Marília Ferreira Dela Coleta#
José Luiz Guimarães[†]

RESUMO. Este estudo teve como finalidade contribuir para o entendimento de uma nova modalidade de relacionamento - o virtual. Dele participaram 50 usuários brasileiros da Internet, que responderam a um questionário contendo 31 questões sobre opiniões e comportamentos relacionados a afetividade e relacionamento virtual. A amostra foi composta, em sua maior parte, por homens, adultos jovens, solteiros, sem filhos, dos níveis socioeconômicos médio e alto. Verificou-se que os sujeitos acreditam na possibilidade de relacionamentos virtuais em uma fase inicial, no entanto relataram necessidade do contato face a face para sua continuidade. Observou-se também alta frequência de usuários de *chats* de conversação considerados viciados na Internet. A partir dos resultados obtidos, concluiu-se que não houve mudanças comportamentais e afetivas radicais com essa nova forma de relacionamento, mas os dados sugerem a importância de mais pesquisas para esclarecer as consequências do relacionamento virtual e do uso exagerado da Internet como forma de comunicação social.

Palavras-chave: Internet, relacionamento virtual, bate-papo.

CAN LOVE BE VIRTUAL? AFFECTIVE RELATIONSHIPS THROUGH THE INTERNET

ABSTRACT. Current analysis contributes towards a new way of relationships, or rather, virtual relationship. Fifty Brazilian Internet users answered a questionnaire containing 31 questions about opinions and behaviors related to affective and virtual relationship. Sample comprised males, or rather, young adults, single, with no children, middle or high socioeconomic level. Subjects believed that there might be virtual relationships at an initial phase. However, they reported the need of face-to-face contact so that the relationship could last. Further, a relatively high number of subjects considered themselves to be Internet-addicted. Results show that there were no significant behavioral and affectionate changes in this new type of relationship. Data suggest the importance of planning more researches to elucidate the consequences of virtual relationships and the abuse of Internet as a way of social communication.

Key words: Internet, virtual relationship, chat.

¿PUEDE EL AMOR SER VIRTUAL? UN ESTUDIO SOBRE EL RELACIONAMIENTO VIRTUAL USANDO LA INTERNET

RESUMEN. Este estudio tenía el objetivo de contribuir para el entendimiento de una nueva forma de relaciones - el virtual. Cincuenta usuarios de Internet brasileños contestaron un cuestionario que contiene 31 preguntas sobre opiniones y comportamientos relacionados con la relación afectiva y virtual. La muestra fue formada por una mayoría de hombres, adultos jóvenes, solos, sin niños, y perteneciendo al nivel socioeconómico medio o alto. Fue verificado que los sujetos creen que podrían haber relaciones virtuales como una fase inicial. Sin embargo, ellos relataron la necesidad de un contacto cara a cara, de modo que la relación pudiera durar. También ha sido encontrado una frecuencia alta de sujetos identificados como adictos de Internet. A partir de estos resultados, se puede concluir que no hay cambios comportamentales y afectivos significativos con aquella nueva clase de relación. Por lo tanto, los datos sugieren la importancia de planear más investigaciones para elucidar las consecuencias de relaciones virtuales y el abuso del Internet como una forma de la comunicación social.

Palabras-clave: Internet, relación virtual, charla.

¹ Apoio: Fapesp.

* Psicóloga. Mestre em Psicologia Aplicada.

Psicóloga. Doutora em Psicologia Social, Professora do Instituto de Psicologia – UFU.

[†] Docente dos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da FCL, da Universidade Estadual de São Paulo-UNESP, Assis-SP.

A partir de meados do séc. XVIII até os dias de hoje, modificações revolucionárias, como o surgimento da máquina a vapor, da hidrelétrica e de novos combustíveis, a exemplo da gasolina, transformaram radicalmente as estruturas econômica, social e política européia. De 1900 em diante outras inovações surgiram, como energia atômica, meios de comunicação rápidos, produção industrial em massa, etc.

Pode-se supor que, se a máquina a vapor teve o poder de alterar os modos de viver, de ver o mundo e de sentir de tantos, quais seriam as conseqüências, a curto, médio e longo prazo, da inovação tecnológica a que se deu o nome de Internet?

De acordo com o Dicionário da Rede (2004), Internet é a melhor demonstração real do que é uma auto-estrada da informação. A Internet é uma imensa rede de redes que se estende por todo o planeta e praticamente todos os países. Os meios de ligação dos computadores desta rede são variados, indo desde rádio e linhas telefônicas até linhas digitais, satélite ou fibras ópticas. Criada em 1969 pelo Departamento de Defesa dos EUA - DoD, como um projeto pioneiro de constituição de uma rede capaz de sobreviver a ataques nucleares, foi-se expandindo até chegar ao tamanho e importância que hoje tem, com várias dezenas de milhões de utilizadores (Dicionário da Rede, 2004).

Quanto à palavra Internet, escrita com inicial maiúscula, significa “rede das redes”, que se tornou uma associação mundial de redes interligadas, que utilizam protocolos da família TCP/IP (*Transmission Control Protocol/Internet Protocol*) e provêm transferência de arquivos, “login” remoto, correio eletrônico, “news” e outros serviços. Internet com inicial minúscula significa, genericamente, uma coleção de redes locais e/ou de longa distância, interligadas por pontes, roteadores e/ou “gateways”.

A história da Internet no Brasil pode ser dividida em dois períodos distintos: o acadêmico e o comercial. De acordo com Nicolaci-da-Costa (1998), é difícil precisar o início do período acadêmico, mas talvez seja 1990 o ano que presenciou a implantação da Rede Nacional de Pesquisa - RNP. Já o período comercial, ou melhor, de acesso comercial à Internet, tem data de início bastante nítida: o ano de 1995 (Nicolaci-da-Costa, 1998), a partir do qual o uso da Internet cresceu vertiginosamente no Brasil.

De acordo com Ferreira et al. (2000), a comunicação através da rede de computadores foi um fenômeno que se expandiu com grande velocidade na década passada e propiciou às organizações e às pessoas um meio eletrônico de trocar informações de

forma mais rápida e econômica: o “e-mail”. O “e-mail” é o correio eletrônico, a partir do qual são escritas mensagens privadas, entregues através de contas individuais. Este endereço indica o “lugar” onde você tem uma caixa postal, e através dele é possível solicitar arquivos, informações, fazer pesquisas e enviar comandos para operar computadores remotos que realizam tarefas para o usuário (Dicionário da Internet, 2004).

Surgiram também os “chats”, meios de comunicação através dos quais as pessoas se interconectam, para conversar em tempo real, utilizando-se da linguagem escrita.

O exemplo mais difundido de “chat” é o IRC, acrônimo de *Internet Relay Chat*, criado em 1988 por Jarkko Oikarinen na Finlândia (Silva, 2000). Sua intenção era criar um programa que permitisse a conversação entre vários usuários de forma síncrona, em que eles pudessem escolher áreas para interagir dentro do serviço. Uma inovação em 1995 foi o “mIRC”, um cliente de IRC para o sistema operacional “MSWindows” (Silva, 2000) que se tornou um dos clientes de IRC mais utilizados, por criar uma interface mais fácil para o uso do programa, com os recursos de ícones e janelas, além de possibilitar o uso de cores nas “falas”.

Atualmente, um canal de IRC é conhecido como um ponto de encontro virtual, onde as pessoas se conhecem e conquistam amigos — e até mesmo parceiros amorosos — a partir de toques de teclados que envolvem o uso de uma linguagem bastante distanciada daquelas às quais se está acostumado. Em outras palavras, escolhe-se um canal, ou seja, o ponto de encontro virtual, a partir de suas áreas de interesse: música, cinema, religião, ciência, sexo, etc. Uma vez conectado, escolhe-se um “nickname” (apelido) pelo qual será identificado (a comunicação é anônima) e passa-se a ler as mensagens dos outros e digitar as próprias.

No IRC toda conversa é “on-line” — ou seja, um digita e os outros lêem logo depois — e pública, a não ser quando são trocadas mensagens privadas em telas separadas depois do primeiro contato virtual. Assim, o “IRC” é um sistema que permite a interação de vários utilizadores ao mesmo tempo, divididos por grupos de discussão. Ao contrário dos e-mails, essa discussão é feita diretamente (diálogo direto textual). Os utilizadores deste sistema podem entrar num grupo já existente ou criar o seu próprio grupo de discussão.

Este meio de comunicação (IRC) e outras formas de “chat” são muito populares e, por isso mesmo podem exercer muita influência direta ou indireta sobre os usuários da Rede. Conforme Silva (2000),

O IRC é um conjunto de espaços de sociabilidade na contemporaneidade, nos quais os usuários entram e interagem segundo padrões de contato determinados, nos quais devem ser iniciados. As formas de sociabilidade no IRC emergiram a partir das interações sociais entre os usuários desde os primórdios de sua criação, (...) A cultura do IRC possui códigos de linguagem, normas para o comportamento, sanções e uma distribuição diferenciada de privilégios técnicos e sociais. O IRC participa também da cultura mais geral da Internet, apresentando características semelhantes às de outros ambientes (p. 38).

O uso da linguagem adequada no "IRC" assume um papel importante, pois ali não é possível fazer uso da voz ou dos gestos, e por isso podem ocorrer falhas na comunicação, de modo que uma mensagem seja entendida de forma muito diferente do objetivo de quem a emitiu. Nesse instante, a economia de digitação é perigosa e os "emoticons", símbolos gráficos que expressam emoções (Dicionário da rede, 2004), podem ter diferentes significados para os diversos tipos de usuário.

Uma vez aprendidos, esses novos usos "on-line" de linguagem tendem a ser transferidos para outros tipos de comunicação "on-line", como o "e-mail", e também para a escrita "off-line". Os usuários que começam a utilizar esse modo de comunicação quando não estão na Internet são classificados como "Netaholics Anonymous" ou viciados em Internet.

Muitos se referem ao que já está acontecendo como a "Revolução digital ou Cibernética" (Nicolaci-da-Costa, 1998).

A Internet, como telecomunicação, criou possibilidades de relacionamento interpessoal diferentes das antigas cartas e do não tão antigo telefone. Com o anonimato e a participação voluntária em *chats* de conversação, foram iniciadas amizades que evoluíram, em alguns casos, para relacionamentos íntimos.

O termo "amizade" é usado convencionalmente para designar a associação interpessoal que vai desde atrações passageiras até as relações mútuas profundas e duradouras (Mc David & Harari, 1980).

A princípio, a atratividade física (relacionada com a gratificação pessoal, imaginária ou real) é importante nas relações de namoro. No entanto, eventualmente, as pessoas se interessam pelo namoro pensando intensamente na mútua satisfação das próprias necessidades, não apenas sexuais, mas também emocionais e sociais. Finalmente, a maturidade do adulto oferece a capacidade da mutualidade e da troca

ampliada que se requer para uma relação durável de amor.

As inovações tecnológicas no campo da informática facilitaram mudanças comportamentais. Assim, refeições são entregues em casa, compras são feitas através do telefone, as idas ao cinema foram em grande parte substituídas pela diversão através do vídeo e, mais recentemente, pelo DVD (*Digital Video Disc*). A terceirização dos serviços fez com que mais e mais pessoas pudessem trabalhar em casa, comunicando-se com o mundo exterior através de seu próprio computador (Guimarães, 2002). Além disso, segundo Guimarães (2002), o medo da violência fez com que a socialização ficasse cada vez mais difícil. Dessa forma, para suprir essa necessidade de contato intelectual, social e afetivo, algumas pessoas, que hoje são milhões, foram aderindo a essa nova maneira de se comunicar, de fazer novas amizades: os "chats" de conversação.

Já que o homem está cada vez mais em casa, o uso dos "chats" de conversação permite uma relação de interação com o mundo, não apenas como troca de idéias, mas também como uma nova forma de conhecer pessoas, o que pode vir a ampliar o número de relacionamentos pessoais (Guimarães, 2002). Os sites de relacionamento ajudam o "internauta" a resolver questões sexuais e sentimentais.

Lopes (2004), em seu estudo, constatou que a regra "nunca te vi, sempre te amei" não serve para "chatters" brasileiros, pois 72% encontram-se pessoalmente pelo menos uma vez e, destes, apenas 60% continuam o relacionamento. A autora verificou que 79% costumam acessar a rede de suas casas, 60% mantiveram a amizade fora da Internet, 63% acessam pelo menos uma vez ao dia, 75,1% são solteiros, 49% tinham entre 15 e 24 anos, 37,5% já namoraram virtualmente e 72,1% já conheceram pessoalmente amigos virtuais. Além disso, os bate-papos têm a presença de 71% de pessoas do sexo masculino. Ao que parece, eles são mais arrojados. O "internauta" se encontra em salas, faz parte de comunidades, é fiel aos amigos, mas não se revela inicialmente.

Os bate-papos fazem com que o contato afetivo seja bem facilitado, principalmente para pessoas inseguras ou com problemas de socialização.

Assim, abrem-se novas perspectivas de relacionamento, indispensáveis para as pessoas que trabalham em casa ou que têm uma vida atribulada a ponto de não sobrar energia para uma vida social mais intensa (Guimarães, 2002).

O tempo parece andar bem mais rápido no Ciberespaço, onde alguns dias de convívio são suficientes para sentir-se íntimo e

estabelecer relações bastante intensas de amizade ou mesmo de amor, que podem ter uma certa duração ou esvanecerem com a mesma velocidade com que se estabelecem. Esta “compressão” da temporalidade exerce uma forte influência na sociabilidade on-line, que apresenta-se extremamente dinâmica e fluida, com os grupos sendo constantemente renovados através da contínua saída e entrada de pessoas (Silva, 2000, p. 184).

Com esta nova forma de comunicação, tabus como contatos de fundo sexual vão se dissolvendo. Invisíveis, as pessoas se permitem conversar, seduzir, trocar experiências em áreas antes proibidas. É a descoberta de uma nova forma de sexo seguro, em que adolescentes ensaiam os primeiros contatos com o sexo oposto e adultos realizam fantasias sem culpa.

Morais da Rosa (2001), em uma pesquisa acerca de relacionamentos virtuais, pôde constatar que na sala #sexo do programa IRC, dentre os 25 entrevistados, 21 eram do sexo masculino (84%) e 4 do sexo feminino (16%), 100% eram solteiros, 92% afirmaram obter prazer através do sexo virtual, 88% dos entrevistados já tiveram ou gostariam de ter contato real com alguma pessoa com quem já praticaram sexo virtual, 44% praticantes de sexo virtual entrevistados já assumiram ou assumem o papel de sexo oposto nas relações sexuais virtuais, 52% dos entrevistados tinham entre 19 e 26 anos, 56% declararam que mudaram a opção sexual (heterossexual para homossexual, ou vice-versa) a partir do momento em que passaram a acessar as salas de sexo virtual, apesar de declararem não ter esta opção sexual na vida real.

A ilusão de proximidade, de conhecimento e intimidade a despeito das - às vezes, enormes - distâncias geográficas é um dos aspectos negativos da virtualidade.

Outro contraponto, e um dos mais sérios, é a fuga da “realidade real”, quando essa não é, ou não está das melhores, o que, muito provavelmente, é parte do que está por trás da tão alardeada adicção na Rede, principalmente nos “chats”. O uso da Internet já foi comparado ao uso da cocaína por Griffiths (citado por Nicolaci-da-Costa, 1998), sendo esta comparação feita em virtude da semelhança dos sintomas apresentados pelos viciados em ambas, como palpitações, tremores, sombras diante dos olhos, confusão mental, como também sintomas fracamente psicóticos com delírios de ciúmes, alucinações e idéias de perseguição.

Já para Castro (1999), os relacionamentos através da Internet produzem uma inversão das relações sociais vistas pela sociologia clássica. Enquanto esta

última afirmava que a relação social necessitava da materialidade, o ciberespaço, ao contrário, não condiciona a relação social ao contato face a face, mas a um sentimento coletivo, à lógica do estar-junto, mesmo num espaço desterritorializado. Há um redimensionamento do processo da relação interpessoal e social.

Num primeiro momento, os contatos sociais e interpessoais dão-se em nível virtual, cabendo a cada um dos envolvidos determinar sua continuidade. Num segundo momento, o relacionamento virtual pode, ou não, materializar-se na realidade, concretizando as relações iniciadas no ciberespaço. Os conflitos, as mentiras, os problemas e as decepções quando da relação materializada são de caráter subjetivo, dependendo do usuário e da maneira como ele lida e convive no ciberespaço. O usuário é responsável por suas ações e atitudes na esfera do virtual e posteriormente na realidade.

Para Nicolaci-da-Costa (1998), as possibilidades de comunicação mediadas pelo computador e da troca de informações e prestações de serviços, bem como o número de usuários, que cada vez mais usufruem deste tipo de comunicação, crescem em ritmo acelerado, o que torna importantes as pesquisas com o objetivo de descrever os novos processos de interação social e as possíveis conseqüências, principalmente das salas de “bate-papo eletrônico”.

De acordo com uma ampla pesquisa com duas mil pessoas (CNT/Sensus, 2007) de 195 municípios de 24 estados, o uso da Internet já faz parte do cotidiano de 9,4% da população brasileira, em casa ou no trabalho, significando algo em torno de 14 milhões de usuários. Na pesquisa, constatou-se que 3,2% utilizam o computador com Internet no trabalho e 6,2% em casa. Outros 1,8% dos entrevistados utilizam o computador, mas sem a Internet, no trabalho e 2,1% em casa.

Um grupo de pesquisa da *New York University* - NYU (McKenna, Green & Gleason, 2002) supunha que as pessoas que podem revelar melhor o seu verdadeiro “eu” para outros na Internet do que no contato face a face seriam mais propensas a formar relacionamentos íntimos *on-line* e tenderiam a trazer os relacionamentos virtuais para suas vidas reais. Para comprovar essa hipótese, desenvolveram dois estudos sobre o assunto. O primeiro estudo mostrou que aqueles que melhor expressam seu eu verdadeiro na Internet são provavelmente que outros formam relacionamentos íntimos *on-line* e movem essas amizades para uma base face a face. O segundo estudo revelou que a maioria desses relacionamentos íntimos de Internet ainda estava intacta dois anos depois.

Visando a explorar algumas destas questões, o presente estudo definiu como objetivos: analisar quais são os motivos percebidos pelos usuários da Internet para procurar o relacionamento virtual; identificar o perfil do usuário da sala de bate-papo; verificar o nível de adicção na Internet; analisar se o relacionamento virtual provocou alguma mudança de comportamento observada pelo usuário; verificar se os relacionamentos na Internet são percebidos como satisfatórios.

MÉTODO

Participantes: participaram deste estudo 50 usuários brasileiros da Internet, que estavam conectados *on-line*, em uma sala de “bate-papo virtual”, através do canal “IRC” (#100%_love), para relacionamentos amorosos, e concordaram em colaborar com o estudo durante o período de cinco meses, no ano de 2004, definido para coleta de dados. Esse canal de encontros (#100%_love) foi escolhido por se tratar de um canal que os usuários empregam com o intuito de encontrar relacionamentos amorosos (novos e outros que se constituíram nesse espaço virtual). O tamanho da amostra foi delimitado *a posteriori* e dependeu da aceitação de uma parte dos sujeitos contatados (cerca de 35%) e das características desta subpopulação que utiliza a Internet com tal finalidade.

Instrumentos: o instrumento para coleta de informações foi um questionário contendo 31 questões organizadas, enviado por meio da própria Rede através de *e-mails* (mensagens virtuais), versando sobre dados pessoais como sexo, idade, profissão, estado civil, nível socioeconômico e grau de escolaridade, outras questões sobre relacionamento interpessoal e uma lista de 10 indicadores, sugerida pela *American Psychological Association* para identificar o grau de dependência psicológica do uso da Internet, elaborada através de uma pesquisa com 3000 internautas, na qual estes relatavam sintomas mais freqüentes percebidos referentes ao uso contínuo na internet.

A partir dos estudos de Wittreich (1952, citado por McDavid & Harari, 1980) sobre relacionamentos interpessoais, e de Castro (1999) sobre o *chat* da Internet como espaço virtual de convívio social, foram ainda elaboradas perguntas sobre o relacionamento amoroso pela Internet, tais como: o modo como conheceram este meio de comunicação, o que os impulsionou a utilizá-lo, como se iniciou o relacionamento amoroso na Internet, o que esses relacionamentos têm de fundamento para continuarem de maneira estável e se o comportamento amoroso do

sujeito fora da Internet foi modificado após sua experiência neste meio.

Procedimentos: usando um PC (computador pessoal) conectado à Internet, buscaram-se pessoas que já se encontravam na sala de “bate-papo virtual” (IRC) (#100%_love). Através de mensagens dentro desta sala fez-se uma apresentação da pesquisadora e foram explicados os objetivos do estudo, fornecendo-se informações sobre o teor das questões, a participação voluntária, o sigilo dos dados particulares e da identidade do sujeito. Em seguida, foi pedido ao sujeito o seu endereço virtual (*e-mail*) para que pudesse ser-lhe enviado o Termo de Consentimento formalizado para que assinalasse sua decisão em participar da pesquisa. Somente após o sujeito ter devolvido o Termo de Consentimento concordando em participar era enviado o questionário, também por *e-mail*, para que ele pudesse respondê-lo e retorná-lo.

Com a adoção desses procedimentos, a peculiaridade do meio utilizado para a coleta das informações e o fato de que o usuário, através da Internet, era livre para responder às mensagens que chegam em seu *e-mail*, considera-se que todos os cuidados éticos prescritos e previstos foram cumpridos, uma vez que, ao abordar os sujeitos na sala de bate-papo virtual, foram esclarecidas todas as dúvidas que surgiram, com o objetivo conscientizá-los quanto ao conteúdo da pesquisa.

Com a amostra coletada, os dados pessoais foram analisados através de freqüências e médias, e as questões abertas, através de análise de conteúdo, análise das freqüências e categorização das respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com relação aos dados pessoais dos sujeitos, constatou-se uma significativa predominância de usuários do IRC de jovens adultos com média de idade de 24 anos e desvio-padrão igual a 7, sendo significativa maioria dos sujeitos constituída de indivíduos solteiros (80%) e sem filhos (88%), o que pode justificar a utilização do IRC com interesse em relacionamentos interpessoais.

Pôde-se constatar que 46% dos usuários possuem renda familiar relativamente alta (10 ou mais salários-mínimos) e apenas 16% possuem renda mais baixa renda familiar (1 a 5 salários-mínimos).

Quanto a problemas com o relacionamento social, a maioria (76%) respondeu não possuir tais dificuldades e já ter tido namorados(as) no meio social (74%). Considerando-se que mais da metade dos sujeitos (64%) conheceu o bate-papo virtual através de

alguém, pode-se inferir que estes não são indivíduos isolados socialmente.

Quanto à adicção na Internet, de acordo com a Associação de Psicologia Americana (APA), dependendo do tempo que o sujeito utiliza na Internet com interferência no âmbito familiar e do trabalho de maneira prejudicial, pode ser considerado um viciado na Internet. A partir do questionário utilizado, com dez questões, em que quatro ou mais respostas afirmativas indicavam a adicção na Internet, a amostra estudada apresentou 89,3% de viciados, 7,1% de indivíduos no limiar do vício e apenas 3,6% considerados não viciados.

Considerando-se que, em sua maioria, os sujeitos abordados são do sexo masculino, de nível socioeconômico médio e alto, solteiros e sem filhos, é possível entender os motivos da inserção no meio virtual na busca de relacionamentos amorosos virtuais. Esse parece ser mais um meio de comunicação e “flerte” nos relacionamentos, ou seja, mais uma opção para conhecer pessoas diferentes e atrativas para um relacionamento.

O fato de os sujeitos freqüentarem o “MIRC” sugere que estes estão mais íntimos da Internet, pois esse canal requer que as pessoas tenham o programa (*software*) que precisa ser instalado no computador, próprio para esse modo de interação virtual.

Sendo assim, é justificável a aparição de um número significativo de sujeitos considerados viciados na Internet, pois estes utilizam por mais tempo esse modo de comunicação e possivelmente possuem conhecimento mais aprofundado no uso da informática.

No que se refere aos relacionamentos virtuais, mesmo estando em um *site* em que se buscava um relacionamento virtual, em sua maioria, os casos (87,9%) foram descritos como relacionamentos surgidos ao acaso, pois os sujeitos afirmaram que estavam no *site* apenas para flertar. Segundo um dos entrevistados, “*a Internet foi o ponto de partida... fomos teclando alguns meses... depois começamos a conversar pelo telefone. Em seguida nos conhecemos pessoalmente, e adeus Internet*”.

Uma pesquisa nesta área (Regis, Antunes & Padilha, 2004) teve como objetivo verificar se os usuários de salas de bate-papo consideram sexo virtual com outros usuários como traição ao parceiro “real” e identificar os motivos para a prática de sexo virtual. Assim, usuários que estavam utilizando salas de bate-papo foram convidados a responder um questionário de múltipla escolha em um *site* na Internet. Os dados solicitados referiam-se à situação sociodemográfica, sexo virtual, motivos para fazer sexo virtual, tempo de

uso diário na Internet e tipo de salas de bate-papo que os sujeitos freqüentavam. Da amostra de 135 sujeitos, 40,9% dos participantes tinham entre 18 e 25 anos; 58,2% eram do sexo feminino e 41,8% do masculino, sendo maior a freqüência de “internautas” residentes no Estado de São Paulo (26,7%). A maioria era de solteiros, estudando ou concluindo o 2º Grau, que trabalhavam, 44,6% ganhando entre 1 e 5 salários-mínimos. Destes “internautas”, 56,1% ficavam em salas de bate-papo até duas horas diárias e 75,6% já ficaram sexualmente excitados em salas de bate-papo trocando intimidades com outras pessoas utilizando o PC. Alguns usuários da Internet afirmaram ter marcado encontro e mantido relações sexuais com parceiros da Internet, mas 56% consideraram que sexo virtual é traição, enquanto 68,9% acham que não estaria havendo uma suposta traição caso o companheiro(a) “teclasse” com alguém na Internet.

Os sujeitos que já tiveram experiência com sexo virtual explicaram como motivos para isso: timidez (53,9%), realização de fantasias e fetiches (87,3%), anonimato (76,6%), estar excitado e não ter um parceiro (69,9%), como modo de conhecer pessoas para ter relações sexuais (70,8%), ou ter problemas sexuais (19,2%).

Nas salas de bate-papo, utilizando-se apenas de um “*nick*” (apelido), os “internautas” podem desaparecer a qualquer momento, sem a possibilidade de uma identificação com a realidade. O anonimato e a desvinculação estabelecem outro campo de contato, com outra dinâmica, que flui através da escrita (Regis & cols., 2004). Com absoluta distância de referências que buscam autenticar o pensamento - como as expressões do olhar e da fala - por meio das quais o outro possa qualificar ou julgar, desejos pessoais podem ser expostos com um menor grau de censura.

Dos sujeitos entrevistados na presente pesquisa, verificou-se que 64% já tiveram relacionamento amoroso virtual e 30,6% tiveram relacionamento amoroso virtual e não virtual simultaneamente. Também, 74% disseram que nada interferia e 24% dos sujeitos afirmaram que um modo de relacionamento interfere no outro. Entre estes, foram colhidos os seguintes relatos:

“O sentimento ‘off-line’ e ‘oline’ é estranho.”; “fico dividida entre o real o virtual, pois as fantasias se misturam.”;

Pôde-se observar que, entre as pessoas que tiveram relacionamento amoroso virtual, praticamente não houve diferença quanto à sua satisfação em relação a este tipo de relacionamento, pois os que

consideram o relacionamento satisfatório são 34% e os que não consideram satisfatório são 36%.

Seguem os relatos dos entrevistados a respeito:

“... acho que o relacionamento está sendo um pouco insatisfatório, principalmente pela distância que nos separa e também pela incompatibilidade de gênios”;

“... acho insatisfatório por causa das mentiras”;

“satisfatório... as moças são/foram muito legais comigo, hehe, me ajudaram a segurar a barra, a única coisa f... é que eu nunca vou ver nenhuma delas na vida real.”;

“foi satisfatório, acredito ter com essa nova experiência explorado um lado emocional desconhecido e muito proveitoso.”

Também se buscou verificar se houve mudança com o relacionamento virtual, comparado ao relacionamento real, e constatou-se que a maioria dos sujeitos (64%) não percebeu uma mudança nessa perspectiva. No entanto, alguns sujeitos relataram que: “*Aprende-se a manipular situações e principalmente palavras.*”; “... aprendi a não julgar as pessoas”.

Uma pesquisa do Instituto de Pesquisas Virtuais QualiBest (Tribuna do Norte, 2003) sobre relacionamento na Internet, com 524 “internautas”, mostra que 29% não costumam entrar nesse tipo de *site*. No entanto, 26%, além de conhecerem esse tipo de *site*, transformaram o relacionamento virtual em um namoro real; outros 24% que conheceram alguém desse meio, ficaram somente no virtual; do total de entrevistados, 10% conseguiram fazer amigos reais, mas não namorados; apesar de admitirem navegar em sites que têm esse objetivo, 5% nunca conheceram alguém por esse meio.

Outra pesquisa, feita na NYU (Tyler, 2002), estudou as mudanças na vida social provocadas pela Internet. Embora tenha havido muita discussão na imprensa popular sobre como a Internet está mudando todas as facetas da vida social, uma revisão dos estudos relatados no artigo sugere que a Internet pode ter causado menos impacto em muitos aspectos da vida social do que freqüentemente se supõe. Em muitos casos, a Internet parece ter criado uma nova maneira de fazer coisas antigas, ao invés de ser uma tecnologia que muda o modo de as pessoas viverem a vida. Como consequência, as implicações do aumento de uso da Internet podem ser menores do que se acredita.

De acordo com Tyler (2002), a pesquisa sobre o impacto da Internet na vida social das pessoas está apenas começando.

Finalmente, foi perguntado aos sujeitos se eles acreditavam que o namoro pela Internet poderia dar certo, ao que a maioria dos sujeitos (68%) respondeu afirmativamente, sendo interessante essa observação para a presente pesquisa.

“O namoro pela Internet pode dar certo, mas é preciso também que, com o tempo, o relacionamento saia das telas do computador e se torne real, porque ninguém vive somente de ilusões, ou seja, as pessoas têm todo o direito de se conhecer através da Internet, mas viverem somente em função dela para buscar se relacionar com alguém, se torna um fato bastante preocupante.”;

“acho que devemos ter muito cuidado com esse tipo de relacionamento, porque às vezes a pessoa com a qual estamos nos relacionando pode passar uma impressão nem sempre verdadeira e por isso, a idealizamos de um jeito e quando a conhecemos, podemos ter uma frustração...”.

Esses relatos corroboram os resultados da pesquisa de Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2005), em que os sujeitos relataram não ser possível manter um contato pessoal verdadeiro estritamente pela rede (por causa das mentiras) e o “contato deixa de ser virtual e passa a ser presencial, mesmo que o conhecido virtual não tenha mentido a seu respeito, ainda assim a relação não vai adiante, isso porque as expectativas em relação ao conhecido virtual são tantas (fisicamente, por exemplo) que eles acabam se decepcionando, já que tais expectativas raramente correspondem à realidade” (p. 78).

Observou-se que as pessoas entrevistadas acreditam nos relacionamentos virtuais enquanto estão estabelecendo contatos iniciais; no entanto, quando se perguntou se esse modo de relacionamento é considerado satisfatório, muitas pessoas relataram haver necessidade de um contato real para o desenvolvimento de um relacionamento mais sólido.

No estudo de Mc Kenna et al. (2002), com 600 participantes, grande parte destes haviam iniciado relacionamentos amorosos com alguém que haviam conhecido na Internet, mais de 50% buscaram o contato face a face e 22% se casaram ou estavam vivendo um relacionamento conjugal, o que demonstra a viabilidade do relacionamento virtual.

Em um estudo realizado por Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2005), os entrevistados relataram

que tinham maior facilidade de se expressar quando estavam na Internet do que quando interagiam presencialmente com outra pessoa; porém perceberam que a facilidade não os levava a relações que considerassem sólidas e verdadeiras, e também que sentiam falta do contato “olho-no-olho”.

CONCLUSÕES

Assim, entende-se que estes fatores - a dimensão de novidades, a curiosidade, as várias possibilidades de exploração tanto da nova quanto da velha realidade, a velocidade, as novas formas de comunicação, etc. - atraem e surpreendem o novato, na maior parte das vezes positivamente, aumentando a probabilidade de tornar-se dependente dessa máquina cada vez mais humana.

O objeto deste estudo foi a procura do “bate-papo”, que abrange 3,8% da população usuária da Internet, pois muitos que procuram este meio de comunicação o fazem com o intuito de estabelecer relações amorosas virtuais, sendo possível que, ao iniciar o relacionamento amoroso virtual, os usuários do “bate-papo eletrônico” começam a se aprofundar nessas relações, a ponto de esquivar-se de outros tipos de relacionamento que poderiam ocorrer face a face.

A partir destes dados é possível tirar algumas conclusões.

Uma delas é que os sujeitos que se inserem no “IRC” para buscar relacionamentos amorosos virtuais o fazem de maneira similar a um relacionamento amoroso não virtual; ou seja, inicialmente buscam “flertar”, conhecendo o companheiro de maneira mais superficial, e posteriormente, se essas pessoas despertarem algo mais, tenta-se conhecê-las melhor e, se possível conhecê-las no âmbito da “realidade”.

Estes resultados sugerem que não houve muitas mudanças no comportamento de busca do parceiro a partir desta nova forma de relacionamento (64% dos sujeitos entrevistados acreditam na ter havido mudança), pois, apesar de se utilizar o computador para conhecer pessoas, o contato pessoal no “mundo real” ainda é julgado imprescindível.

A utilização desta forma de obtenção de satisfação é muito nova e poucos estudos foram feitos a respeito, tanto que a Associação Americana de Psicologia – APA reconheceu oficialmente uma nova doença, batizada de “uso patológico da Internet”. A entidade afirma que certos viciados em Internet ficam *on-line*, em média, 38 horas por semana, o que dá uma média de mais de 5 horas por dia. Em sua análise, isso causa dependência, tanto quanto as drogas e os jogos de azar (APA, 2006).

Uma pesquisa de Young (2001) fez uma comparação clínica dos comportamentos de viciados em jogo e sugeriu que a compulsão por jogo é considerada o tipo de adicção mais próximo à da Internet, já que os dois envolvem falta de controle de impulso sem a presença de um agente tóxico.

No que se refere ao uso da Internet como uma modalidade de relacionamento interpessoal, os resultados deste estudo são semelhantes aos de Tyler (2002), ao indicar que neste campo não houve, por enquanto, uma revolução comportamental. Não obstante, quanto ao uso abusivo da Internet, existe a possibilidade de mudança de comportamento, causada pela dependência psicológica de estar conectado à rede. Finalmente, os dados obtidos neste estudo sobre os relacionamentos amorosos virtuais apontam para uma importante e nova área de pesquisa, ainda a ser mais bem explorada.

REFERÊNCIAS

- APA - American Psychological Association (2006). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th ed.). Washington: Author.
- Bargh, J. A. & McKenna, K. Y. A. (2004). The Internet and social life. *Annual Review of Psychology*, 55, 573-590.
- Bottoni, F. (2001). Internet pode ser vício como drogas ou jogo. *Revista InfoOnline*, 9(Nov.). Recuperado em 08 de abril de 2004, de <http://info.abril.com.br/aberto/infonews/112001/09112001-12.shl>.
- Castro, C. F. (1999). *Ciberencontros: o chat da Internet como espaço virtual de convívio social*. Recuperado em 19 de novembro de 2003, de <http://www.aguaforte.com/antropologia/index.html>.
- CNT/Sensus (2007). *Pesquisa de opinião pública nacional: 52^a. Rodada, 16 a 20 dezembro de 2007* [Data do arquivo]. Recuperado em 25 de julho de 2003, de http://www.cnt.org.br/informacoes/cntsensus/pesquisas_cntsensus2002.asp.
- Ferreira, I. V., Pinheiro, L. S., Luz, M. L. F., Álvares, M. E. M., Portela, R. M. B., Irineu, S. V. M. & Barros, C. W. L. (2000). O comportamento verbal em um novo contexto: os canais de bate-papo na internet. Em Reunião Anual de Psicologia (Org.), *Resumos de Comunicações Científicas. XXX Reunião Anual de Psicologia – Resumos* (pp. 87-88). Brasília: SBP.
- Guimarães, G. M. (2002). *Relações virtuais, Aurora de um novo pensar*. Recuperado em 08 de abril de 2004, de http://www.cfh.ufsc.br/~ciber/rba_guimaraes.html.
- Lopes, A. D. (2004). *Relacionamentos virtuais fazem sucesso*. Recuperado em 08 de novembro de 2004, de <http://galileu.globo.com/edic/108/chatters1.htm>.
- McDavid, J. W. & Harari, H. (1980). *Psicologia e Comportamento Social*. Rio de Janeiro: Interciência.
- McKenna K. Y. A., Green A. S. & Gleason, M. E. J. (2002). Relationship formation on the Internet: What's the big attraction? *Journal of Social Issues*, 58(1), 9-31.

- Morais da Rosa, A. (2001). Existe amante virtual? A pergunta que não quer calar! *Jornal Casa da Cultura Jurídica*, 2(8), 6-10. Recuperado em 30 de novembro de 2004, de <http://www.tj.sc.gov.br/cejur/eventos/amantevirtual.htm>.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (1998). *Na malha da rede: os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro: Campus.
- Regis, M. R., Antunes M. C. & Padilha M. G. (2004). Sexo virtual e infidelidade: concepções de usuários de sala de bate-papo. (CD-ROOM), *Resumos de Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, SBP.
- Romão-Dias, D. & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais: algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 25(1), 70-87.
- Silva, A. M. A. C.da. (2000). *Reconnectando a sociabilidade on-line e off-line: trajetórias, formação de grupos e poder em canais geográficos no Internet Relay Chat (IRC)*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.
- Tribuna do Norte (2004). *Relacionamento virtual divide opinião dos internautas*. Recuperado em 08 de novembro de 2004, de http://www.tribunadonorte.com.br/especial/infotec/infotec_270303_1.html.
- Tyler, T. R. (2002). Is the Internet changing social life? It seems the more things change the more stay the same. *Journal of Social Issues*, 58(1), 195-205.
- Vas, Y. (2004). *Dicionário da Internet*. Recuperado em 8 de abril de 2004, de <http://www.vas-y.com/dicas/dic.html>.
- Young, K. S. (2001). *Young authors new book on cybersexual addiction*. Recuperado em 20 de julho de 2006, de http://www.netaddiction.com/newspr/tangled_release.htm.

Recebido em 08/11/2006
Aceito em 15/04/2007

Endereço para correspondência: Alessandra dos Santos Menezes Dela Coleta. Rua Urca, 60, ap. 301, B. Patrimônio, CEP 38411-084, Uberlândia-MG. *E-mail:* ale_psic@yahoo.com.br